

SOCIOLOGIA

com Vivianne Catolé



CURSO
FERNANDA PESSOA
ONLINE

O que é gênero?



O QUE É GÊNERO?



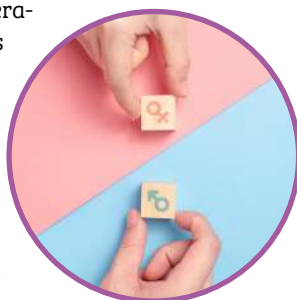
- * **SEXO** se refere a estados biológicos: genética, caracteres primários e secundários do sexo, aparato anatomofisiológico, endócrino e cerebral;
- * **GÊNERO** diz respeito a um conjunto de fenômenos como sentimentos, pensamentos, comportamentos e fantasias relacionados à masculinidade e à feminilidade, e não apresentam nenhuma ancoragem biológica – é consolidado culturalmente, adquirido na vida pós-natal.

Sexo e gênero não andam necessariamente lado a lado; um pode se desenvolver a despeito do outro.

GÊNERO é um conceito generalista que agrega em si todas as particularidades e características em comum de um grupo, classe, seres ou coisas.

O termo gênero vem do latim *genus*, que significa nascimento, descendência, origem, família, tipo. Podemos ter gênero alimentício, gênero literário, porém, é nas Ciências Humanas e Naturais que se discute o gênero humano.

O conceito de gênero, no campo da sociologia, emerge como uma construção social e histórica que organiza relações de poder, normatiza corpos e estrutura desigualdades. Longe de



se restringir à diferença biológica, gênero é um dispositivo que opera na produção de subjetividades, papéis sociais e hierarquias.

IDENTIDADE DE GÊNERO é como a pessoa se percebe em seu gênero e não apenas o que a sociedade a define. Os tipos mais comuns são:

- * **CISGÊNERO** - são as pessoas que estão dentro do padrão social e cultural de gênero, ou seja, são os que se identificam com o gênero que lhes foi determinado no momento do seu nascimento.
- * **TRANSGÊNERO** - é quem não se identifica com o seu sexo de nascimento. Transgêneros, transexuais e travestis são aquelas cuja identidade de gênero é diferente do gênero atribuído pela sociedade no nascimento.
- * **NÃO BINÁRIO** - quem não se sente confortável completamente nem como homens, nem como mulheres. Pessoas não-binárias podem fluir ou transitar entre o feminino e o masculino. Exemplo: uma pessoa que não se mostra nem homem, nem mulher (identidade de gênero), com o sexo designado como feminino (sexo biológico).



ORIENTAÇÃO SEXUAL

É “a capacidade de cada pessoa de ter uma profunda atração emocional, afetiva e sexual por indivíduos” seja de gênero diferente, mesmo gênero ou mais de um gênero.

Assim, se a pessoa gosta de indivíduos do sexo oposto, falamos que ela é heterossexual (ou heteroafetiva). Se a atração é por aqueles do mesmo sexo, sua orientação é homossexual (ou homoafetiva). Há também aqueles que se interessam por ambos: os bissexuais (ou biafetivos).

Pessoas do gênero masculino com orientação homossexual geralmente são chamados de gays; e as do gênero feminino, lésbicas.

GÊNERO É UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL?

No antropologia temos uma clássica referência de Margaret Mead (EUA) que, em 1935, realizou estudos etnográficos junto a três tribos da Nova Guiné, onde evidenciou através do contraste com outras culturas que os comportamentos/ temperamentos que reputamos naturais em um sexo são meras variações do comportamento humano às quais os membros de um ou ambos os sexos podem ser, com maior ou menor sucesso, influenciados através da educação

- * **Arapesh:** homens e mulheres apresentaram comportamentos que se assemelhavam ao comportamento feminino (passivos e dóceis).
- * **Mundugumor:** homens e mulheres tinham comportamentos agressivos (características masculinas).
- * **Tchambuli:** distinção entre o comportamento entre homens e mulheres (mulheres agressivas e homens dóceis).

As características sociais entre homens e mulheres, que definem os seus papéis e responsabilidades dentro de uma sociedade, não são estabelecidas pelo sexo – como determinação biológica – mas influenciadas pela cultura.



Ou seja, gênero é um elemento subjetivo não estático que refere a ser menino ou menina, homem ou mulher em uma determinada cultura.

PARA A SOCIOLOGIA, O QUE ISSO SIGNIFICA?

Permanências da sociedade patriarcal e do androcentrismo (naturalização da experiência masculina como princípio universal);

Criação de papéis sociais, inclusive, sustentados por justificativas pseudocientíficas, onde a “mulher” seria mais frágil e o “homem” tendenciosamente orientado a ser líder, ter poder, etc.;

Para a Sociologia, pensar as diferenças das pessoas implica em considerar como algumas questões que são tidas como “naturais” (p. ex. cor da pele, sexo, desejo sexual, idade) são percebidas na sociedade. O enfoque da Sociologia nos permite pensar como essas diferenças “naturais” se transformam em relações sociais. Trata-se, portanto, de analisar as relações entre natureza x sociedade.

- * Os corpos são interpretados de acordo com o meio social em que está inserido, e cada cultura atribui a eles significados e papéis sociais diferentes.

- * Expectativas sociais definem a identidade da pessoa antes mesmo de seu nascimento;
- * Definição do “quem você é” relacionada ao gênero e sexualidade;
- * Prevalência de gênero nas relações de poder faz com que a anatomia genital da criança ganhe uma importância significativa culturalmente;
- * Determinação cultural e histórica: em algumas comunidades pré-históricas, os povos se organizam em torno da mulher (mãe), por exemplo;
- * Lugar simbólico e diferenças identitárias tornam possível relações de dominação com base no gênero, como patriarcado.
- * Padrões rígidos estabelecidos pela ordem social dominante;
- * Porém, nem todos indivíduos se adaptam aos padrões sociais, causando choques identitários;
- * Quanto mais restritos os estereótipos de gênero, menor é a tolerância à diversidade e mais duras são as punições (simbólicas, jurídicas e físicas).



SEXISMO - se baseia na ideia de que o homem é melhor e mais competente do que a mulher, uma concepção que se assemelha ao machismo, mas vai além. Trata-se de uma atitude discriminatória que define quais usos e costumes devem ser respeitados por cada sexo, desde o modo de vestir até o comportamento social adequado. A sociedade, de maneira geral, é sexista e educa as crianças de forma a reproduzir modelos binários em que a tendência é de que um sexo deva ser complementar ao outro. Ter medo de que um menino “vire gay” por brincar com boneca é um pensamento sexista.

MACHISMO - julga a mulher como inferior ao homem em aspectos físicos, culturais e intelectuais. O machismo desqualifica a mulher perante o homem e é a principal causa do feminicídio por perpetuar a crença de que, numa relação, o parceiro é o “dono” da parceira.

VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Por “violência de gênero”, refiro-me a toda e qualquer forma de agressão ou constrangimento físico, moral, psicológico, emocional, institucional, cultural ou patrimonial, que tenha por base a organização social dos sexos e que seja impetrada contra determinados indivíduos, explícita ou implicitamente, devido à sua condição de sexo ou orientação sexual (SARDENBERG, 2011, p. 1).





Homofobia é uma violação contra os Direitos Humanos que consiste na intolerância, discriminação, ofensa ou qualquer manifestação de repúdio à homossexualidade e à homoafetividade. O Supremo Tribunal Federal (STF) determinou em 13/06/2019, que a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero passe a ser considerada um crime.

A conduta Homofóbica passe a ser punida pela Lei de Racismo (7716/89), que hoje prevê crimes de discriminação ou preconceito por “raça, cor, etnia, religião e procedência nacional”.

Simone de Beauvoir — A construção da mulher como “o outro”

Em sua obra seminal “**O Segundo Sexo**” (1949), Simone de Beauvoir lança uma das afirmações mais potentes dos estudos de gênero:

“*Não se nasce mulher, torna-se mulher.*”



Com isso, a filósofa francesa rompe com a visão essencialista da mulher como um ser determinado biologicamente, afirmando que a condição feminina é fruto de um processo histórico e social que a posiciona como “o outro”, o sujeito subordinado frente ao homem, considerado o padrão universal.

De Beauvoir denuncia que a opressão das mulheres está diretamente ligada à construção cultural que naturaliza sua subordinação. Através de instituições como a família, a educação e a religião, as mulheres são moldadas a partir de discursos que legitimam sua inferiorização e limitam suas possibilidades existenciais. Seu pensamento marca a gênese da crítica filosófica à naturalização das diferenças de gênero, colocando o gênero como um marcador de desigualdade social profundamente enraizado nas estruturas culturais.

Judith Butler — Gênero como performance e desconstrução

“*Afirmar a diversidade de gênero não é destruir: é afirmar a complexidade humana e criar espaço para as pessoas encontrarem seu próprio caminho nessa complexidade*”

Filósofa e estudiosa gênero Judith Butler

- * Segundo filósofa estadunidense, tanto sexo quando gênero (e os desejos) vão depender de como “executamos” tais papéis em nossas vidas;
- * Não somos naturalmente masculinos ou femininos;
- * Desconstruir a ideia da homossexualidade e transsexualidade como perversão ou doença;
- * As lutas do movimento LGBTQIA+ e avanços da Psicologia e Psicologia também sustentam esse argumento: não há base científica para considerar como doença.

A autora Judith Butler (EUA) publicou em 1989 a obra “Problemas de Gênero” onde trouxe uma abordagem pós-estruturalista e contribui para pensarmos gênero no sentido performativo, para além de identidades fixas ou categorias de corpo, sexo, gênero e sexualidade que perpassam a estrutura binária. Esse desdobramento do conceito de gênero foi dado nos anos 1990, através da **teoria queer** que questiona a normatividade heterossexual e ressalta o aspecto social e mutável dos corpos e da sexualidade.

Para Butler, gênero não é uma identidade fixa, mas sim um ato performativo, ou seja, uma série de repetições, gestos e práticas sociais que produzem a ilusão de uma essência de gênero. Não se trata de algo que se “é”, mas de algo que se “faz” incessantemente, segundo normas culturais que determinam o que é ser homem ou mulher.

“*Gênero é performativo: não é uma expressão do que alguém é, mas aquilo que alguém faz.*”

— Judith Butler, *Gender Trouble* (1990).

Essa visão desconstrói as bases da heteronormatividade, questionando a coerência entre sexo, gênero e desejo. Butler revela como os sistemas normativos impõem padrões que marginalizam corpos que não se ajustam às expectativas binárias — especialmente pessoas trans, não binárias e dissidentes de gênero.

Seu pensamento é revolucionário na medida em que desloca o debate do gênero do campo da essência para o campo da construção social e da repetição normativa, oferecendo ferramentas teóricas para compreender e resistir às violências simbólicas e materiais contra corpos dissidentes.

Kimberlé Crenshaw — Interseccionalidade como chave analítica

O conceito de interseccionalidade, desenvolvido pela jurista e socióloga Kimberlé Crenshaw no final dos anos 1980, acrescenta uma camada fundamental ao debate sobre gênero. Crenshaw demonstra que as opressões não são experiências isoladas, mas se entrecruzam e se potenciam.



“A interseccionalidade é uma lente através da qual se pode ver onde o poder vem e colide, onde ele se entrecruza.” Kimberlé Crenshaw, 1989.

Na prática, isso significa que as experiências de gênero são radicalmente diferentes dependendo de outros marcadores sociais, como raça, classe, sexualidade, deficiência ou território. Mulheres negras, por exemplo, enfrentam simultaneamente os efeitos do racismo e do sexismo, o que não pode ser plenamen-

te entendido se cada opressão for analisada de forma isolada. Crenshaw denuncia que os movimentos feministas tradicionais, muitas vezes centrados em mulheres brancas de classes médias, negligenciaram as experiências de mulheres negras e periféricas, assim como os movimentos antirracistas ignoraram a questão de gênero. Assim, a interseccionalidade surge como uma ferramenta teórica e política indispensável para pensar as múltiplas camadas de desigualdade que atravessam os sujeitos.



ANOTAÇÕES

Estamos juntos nessa!



C U R S O
FERNANDA PESSOA
ONLINE

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.